

Os 80 anos do folheto de cordel *O Brasil rompeu com eles*, de Zé Vicente (1942-2022)

Geraldo Magella de Menezes Neto

Secretaria de Estado de Educação do Pará
Secretaria Municipal de Educação de Belém
Belém - Pará - Brasil
geraldoneto53@hotmail.com

Apresentação

O ano de 1942 iniciou com vários desafios para o Brasil. O país se viu forçado a sair da posição oficial de neutralidade perante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) para tomar uma posição. No final de janeiro ocorreu a III Conferência dos Chanceleres da América no Rio Janeiro, no qual os países latino-americanos em sua quase totalidade decidiram romper relações diplomáticas com os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) após o ataque japonês à base norte-americana de *Pearl Harbor*, se colocando ao lado dos Aliados (Estados Unidos, Inglaterra e União Soviética). Tal posicionamento gerou consequências para o Brasil: a partir de fevereiro vários navios mercantes brasileiros foram afundados pelos submarinos do Eixo, com centenas de mortos, provocando manifestações populares que exigiam uma tomada de posição da ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas (MENEZES NETO, 2013). Finalmente, em 22 de agosto de 1942 o Brasil declara o estado de beligerância com a Alemanha e a Itália.

É nesse contexto que o poeta paraense Zé Vicente (1898-1975) produz o folheto de cordel *O Brasil rompeu com eles*, publicado pela editora Guajarina, de Belém do Pará. Tendo como tema o rompimento das relações do Brasil com os países do Eixo na Segunda Guerra Mundial, o poeta escreve em versos rimados os acontecimentos e transmite aos leitores sua visão em relação aos países do Eixo, que naquele momento se transformavam em inimigos do Brasil.

Zé Vicente era o pseudônimo de Lindolfo Marques de Mesquita. Durante longo tempo, quando jovem, Mesquita trabalhou como jornalista. Repórter do jornal *Folha do Norte*, criou a coluna com crônicas humorísticas “Na polícia e nas ruas”. Passou depois para o jornal *O Estado do Pará* (SALLES, 2000, p. 10). O poeta também escrevia para

diversas revistas literárias paraenses, como *A Semana*, *Pará Ilustrado*, além de ter sido diretor do panfleto humorístico *Jazz Brando*.

Lindolfo Mesquita fez carreira administrativa e política, conquistando cargos de prestígio no contexto da “Revolução de 1930” e do Estado Novo de Getúlio Vargas, aderindo ao movimento político do “baratismo”, do líder regional Magalhães Barata, que foi interventor do Pará em dois períodos (1930-1935/1943-1945). Nesse contexto, Mesquita foi prefeito da cidade de Vigia (1933), diretor do DEIP (Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda) em 1943, diretor da Biblioteca e Arquivo Público do Pará (1944). Mais tarde, foi deputado estadual (1947-1950) e juiz do Tribunal de Contas do Pará em 1957-1958 e 1967. Segundo Vicente Salles (2000, p. 10), “alçado nessas elevadas posições, repudiou a literatura de cordel. Mas, em tempos difíceis, o folheto chegou a sustentá-lo”.

Zé Vicente era um dos poetas da editora Guajarina, de propriedade do pernambucano Francisco Lopes.¹ Criada em 1914, a Guajarina, localizada em Belém do Pará², publicava diversos impressos, se destacando entre as décadas de 1920 e 1940 como uma das editoras mais importantes no campo da literatura de cordel, concorrendo, por exemplo, com a editora de João Martins de Athayde no Recife, a mais famosa da época. Para Vicente Salles (2000, p. 9-10), a editora Guajarina foi “o maior fenômeno editorial do Pará e seguramente um dos maiores do Brasil, no campo da literatura de cordel”. Zé Vicente é considerado por Salles como o “mais afortunado dos cinco poetas da primeira geração de cordelistas” paraenses da editora.³

A Guajarina publicava folhetos com temas variados: histórias de amor, aventura, humor, pelegas, crimes de grande repercussão, os “últimos acontecimentos”, etc. A Segunda Guerra Mundial se tornou um dos assuntos de maior interesse da editora e seus poetas. Conforme Vicente Salles (1985, p. 238-239), em dezembro de 1942, a editora paraense reuniu num só volume encadernado 12 folhetos sobre o conflito mundial: *Nascimento do Anti-Christo*, de Abdon Pinheiro Câmara; *A guerra da Itália com a Abysinia*, de Zé Vicente; *A batalha do Sarre*, de Arinos de Belém; *O afundamento do vapor alemão “Graff-Spee”*, de Zé Vicente; *A Alemanha comendo fogo*, de Zé Vicente;

¹ Para um estudo mais aprofundado da editora Guajarina, ver SALLES, 1971; 1985 e MENEZES NETO, 2012.

² Segundo Vicente Salles (1971, p. 92), a primeira sede da Guajarina foi a “Rua Nova de Santana”, depois a “Manuel Barata nº 64”; em 1929 a editora mudou-se para a “Padre Prudêncio nº 17”; em 1931, com os negócios já bastante ampliados, mudou-se novamente para a “Manuel Barata nº 99”; por fim instalou-se na “Trav. Padre Eutiquio”.

³ Os outros poetas paraenses da “primeira geração” citados por Salles são: Ernesto Vera, Dr. Mangerona-Assu, Apolinário de Sousa e Arinos de Belém.

A Alemanha contra a Inglaterra, de Zé Vicente; *A guerra da Alemanha e da Polônia*, de Arinos de Belém; *A batalha da Alemanha contra a Rússia*, de Zé Vicente; *O fim da guerra*, de Zé Vicente; *O Japão vai se estrepar!*, de Zé Vicente; *O Brasil rompeu com eles*, de Zé Vicente; *As escrituras e a guerra atual*, de Apolinario de Sousa.⁴ Segundo Salles (1985, p. 239), os temas “mostram a habilidade do poeta popular em informar seus leitores e, de alguma forma, contribuir para a formação da opinião pública”.

A grande quantidade de folhetos sobre a Segunda Guerra Mundial também demonstrava o interesse da população pelo tema, pois a editora só publicava folhetos que pudessem ter uma boa venda e, por consequência, gerar lucro. Cabe ressaltar que na primeira metade do século XX era comum a leitura do folheto de cordel ser realizada de forma oral e coletiva, ou seja, o mais alfabetizado fazia a leitura em voz alta para um público de ouvintes. Daí ser mais correto o uso do termo “leitores/ouvintes” de cordel, conforme propõe Ana Maria de Oliveira Galvão (2006). Assim, podemos dizer que mesmo os analfabetos tomavam conhecimento das narrativas em versos de cordel, já que eles poderiam ouvir as histórias por meio da oralidade. Dessa forma, os folhetos sobre a guerra tiveram um grande alcance, até mesmo pelo fato de a Guajarina ter agentes revendedores em várias cidades do Norte e do Nordeste do Brasil.⁵

Zé Vicente se destacou como um dos poetas mais produtivos na cobertura da Segunda Guerra Mundial. Seus folhetos sobre o conflito, mesclando informações jornalísticas, humor e opinião, podem ser denominados de “folhetos de época” (TERRA, 1983), folhetos “jornalísticos ou noticiosos” (LUYTEN, 1992), ou ainda “folhetos de acontecido” (CURRAN, 2003). Desde o início o poeta se mostra contrário à Alemanha nazista. No folheto *A Alemanha comendo fogo*, por exemplo, Zé Vicente retrata o ditador alemão Adolf Hitler de maneira caricata e a Alemanha como um “pirata” que invade outros países. Já a França, por outro lado, é representada como a “pátria da liberdade”. Mesmo no período de neutralidade do Brasil, embora concordando com a

⁴ Esse número, ao que tudo indica foi muito maior. No Acervo do Museu da UFPA, por exemplo, encontramos dois folhetos humorísticos de Arinos de Belém: *O Testamento de Hitler e Mussolini, o Ditador*. Também encontramos referências aos folhetos sobre a guerra na revista *Pará Ilustrado*, de janeiro de 1943, a qual trazia o seguinte anúncio: “Leiam: A Alemanha metida num saco. Efusante folheto de Zé Vicente, à venda em Belém” (MENEZES NETO, 2008, pp. 27-28).

⁵ Na década de 1940, a Guajarina tinha agentes revendedores em várias cidades: Santarém, Marabá e Óbidos, no Pará; Manaus e Porto Velho, no Amazonas; Rio Branco, Xapuri, Sena Madureira e Tarauacá, no Acre; São Luís, Caxias, Trizidela, Amarante, Icatu e Coroatá, no Maranhão; Fortaleza, Viçosa, Sobral e Ipu, no Ceará; Teresina e Parnaíba, no Piauí; Natal, no Rio Grande do Norte; e Boa Vista, em Goiás. (MENEZES NETO, 2012, pp. 73-75).

postura do Estado Novo, Zé Vicente já tinha escolhido o seu lado na guerra, ao lado dos Aliados contra os países do Eixo (MENEZES NETO, 2008, pp. 39-43).

O folheto *O Brasil rompeu com eles*, segundo informa Vicente Salles (1985, p. 246), foi publicado em 6 de fevereiro de 1942, logo após o rompimento das relações diplomáticas entre o Brasil e os países do Eixo no mês de janeiro daquele ano. O folheto possui 16 páginas. Uma cópia da segunda edição do folheto, datada de 20 de junho de 1943, está disponível para consulta no Acervo “Vicente Salles” da Biblioteca do Museu da Universidade Federal do Pará (UFPA).⁶ A versão integral do folheto também pode ser encontrada no livro *Zé Vicente: poeta popular paraense*, organizado por Vicente Salles. (VICENTE, 2000). Este livro faz parte da coleção “Biblioteca de cordel” da editora Hedra, de São Paulo.

O Brasil rompeu com eles é uma importante fonte histórica sobre o Brasil no período da Segunda Guerra Mundial. Zé Vicente tinha acesso às informações da guerra por meio dos jornais, do rádio e da oralidade, sendo estas as fontes para que ele pudesse escrever em versos rimados. Em seus versos, Zé Vicente informa a população sobre os últimos acontecimentos e também assume o tom nacionalista propagado pelo Estado Novo, se utilizando de humor para retratar os inimigos do Eixo. A guerra era vista pelo poeta como um confronto entre o “bem”, representado pelos países Aliados, e o “mal”, representado pelos países do Eixo.

A capa do folheto, feita a partir de caricatura, já antecipava aos leitores o tema da narrativa e demonstrava o tom nacionalista. De um lado, estavam retratados os três inimigos, Hitler, ditador nazista, Mussolini, ditador italiano, e Hiroito, imperador japonês. Do outro, um indígena segurando um tacape, representando o Brasil. Os três inimigos do Eixo parecem atemorizados diante da força e da coragem expressados pelo indígena brasileiro. Sobre as capas da Guajarina, Vicente Salles (1985, p. 159) informa que “na década de 1920 surgem as xilografuras e, mais raramente, o desenho (clichê) ou, ainda, gravuras em metal.” Dominando essas técnicas, são conhecidos, no final dessa década, o nome de dois artistas a serviço da Guajarina: Ângelo de Abreu Nascimento (o

⁶ A Biblioteca do Museu da Universidade coloca à disposição do público coleções de livros, periódicos, partituras, recortes de jornais e materiais especiais, como discos, fitas, fotografias, em grande parte produzidos ou versando sobre a Amazônia. Por ter sido criada com o objetivo de oferecer respaldo técnico às atividades do Museu, a biblioteca reúne uma significativa coleção sobre artes visuais. Tendo sob sua guarda a Coleção Vicente Salles nossa biblioteca é referência em Belém do Pará como fonte de pesquisa sobre Folclore, Música, Cultura afro-brasileira, História, Teatro e Literatura. Com relação ao Folclore, merece destaque a coleção de folhetos de cordel, produzidos no Pará e em estados do Nordeste. Ver: Histórico da Biblioteca. Museu da UFPA. Disponível em: <http://www.museu.ufpa.br/index.php/historico-da-biblioteca.html> Acesso em: 02 mar. 2022.

“Mestre Angelus”) e Salvador Soliva. Depois de 1930, algumas capas são ilustradas pelo desenhista Andreilino Cotta e, no final dessa década, quase todas as capas são confeccionadas com clichês produzidos na Clicheria do Mendonça.

Em *O Brasil rompeu com eles* o poeta já alertava para a ação da chamada “quintacoluna”, os espiões que dentro do Brasil trabalhavam em prol da vitória do Eixo, informando, por exemplo, os horários de saída e as rotas dos navios mercantes brasileiros para os submarinos do Eixo. Os japoneses particularmente recebem um tratamento bem negativo, sendo representados como “traíçoeiros”, algo que tem a ver com o ataque que fizeram aos Estados Unidos, mas também devido a questão racial. Nesse contexto, o folheto transmite a ideia que o papel de cada brasileiro deveria ser o da vigilância e o de apoio ao governo de Getúlio Vargas.

Passados 80 anos de sua publicação, *O Brasil rompeu com eles* deve ser visto como uma fonte que representa uma época fundamental no século XX, da guerra que transformou a ordem internacional nos campos político, econômico, social e cultural. Zé Vicente captou os sentimentos do período e os colocou em formato de versos rimados, sendo lido e ouvido principalmente pelas camadas populares, que, por meio do cordel, conheciam os acontecimentos e se sentiam representados pelo posicionamento do poeta. Uma fonte, portanto, riquíssima para os que desejam conhecer mais o Brasil nesses anos turbulentos da história mundial.

Referências

CURRAN, Mark. **História do Brasil em cordel**. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2003.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. 1 ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LUYTEN, Joseph. **A notícia na literatura de cordel**. São Paulo: Estação Liberdade, 1992.

MENEZES NETO, Geraldo Magella de. **A Segunda Guerra Mundial nos folhetos de cordel do Pará**. 82 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal do Pará - UFPA, Belém, 2008.

MENEZES NETO, Geraldo Magella de. **Por uma história do livro e da leitura no Pará: o caso da Guajarina, editora de folhetos de cordel (1922 - 1949)**. Belém: Dissertação de Mestrado em História Social da Amazônia, Universidade Federal do Pará – UFPA, 2012.

MENEZES NETO, Geraldo Magella de. A “ressurreição da alma cabana”: as passeatas de protesto contra o Eixo na Belém da Segunda Guerra. **Em Tempo de Histórias**.

Publicação do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília (PPGHIS/UnB), n. 23, Brasília, p. 22-41, ago. – dez. 2013.

SALLES, Vicente. Guajarina, folhetaria de Francisco Lopes. **Revista Brasileira de Cultura**. Rio de Janeiro, n. 9, p. 87-108, jul./set. 1971.

SALLES, Vicente. **Repente e cordel, literatura popular em versos na Amazônia**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1985.

SALLES, Vicente. Introdução. In: VICENTE, Zé (1898-1975). **Zé Vicente: poeta popular paraense**. Introdução e seleção Vicente Salles. São Paulo: Hedra, 2000. (Biblioteca de cordel).

TERRA, Ruth Brito Lêmos. **Memória de lutas: literatura de folhetos do Nordeste (1893-1930)**. São Paulo: Global Editora, 1983.

SOBRE O AUTOR

Geraldo Magella de Menezes Neto é doutor em História pela Universidade Federal do Pará (UFPA); docente da Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC-PA) e da Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC-Belém).

Recebido em 07/03/2022

Aceito em 26/09/2022

Transcrição da fonte

O Brasil rompeu com eles

Zé Vicente (pseudônimo de Lindolfo Mesquita)

Editora Guajarina, Belém-PA.

Edição original de 6 fev. 1942. 16p.

[Transcrição segundo as regras atuais da língua portuguesa]



Figura 01: capa do folheto *O Brasil rompeu com eles*

Fonte: Acervo "Vicente Salles" - Museu da UFPA.

Chegou também para nós
O momento decisivo.
Nosso Brasil sobranceiro
Não nasceu para cativo.
Da liberdade, no peito
O sentimento tem vivo.

Vamos agora lutar
É contra a barbaridade.
O Brasil nessa missão
Age agora de verdade,
Pois vai bem alto gritar
Pelo bem da humanidade.

Não podia a nossa pátria
Se quedar covardemente.
Do contrário, os filhos seus
Rolariam na torrente.
O resultado seria
A peia, o tronco e a corrente.

As nações totalitárias
Querem o direito esmagar.
Japão, Itália, Alemanha,
Querem o mundo escravizar,
Mas a nação brasileira
Tal não pode tolerar.

Em cada peito brasílio
Bate um livre coração.
Brasileiro não nasceu
Para arrastar-se no chão.
É preferível morrer
A ser servo de alemão.

Contra o regime nazista
Lutaremos com vigor.
Vamos mostrar firmemente
Também o nosso valor.
Assim faz o brasileiro
Que a seu país tem amor.

Nosso Brasil não deseja
Ver no mundo a escuridão.
Está soberbo, do lado
Onde se ergue a razão.
Vai em prol da liberdade
Trabalhar como um leão.

O Novo Mundo não pode
Ficar de braço cruzado.
Este nosso continente
Hoje vive ameaçado.
Está exposto à cobiça
Do velho lobo esfaimado.

O nazismo alvoroçado
A sua vela hoje enfuna.
Ele tenta atravessar
Para cá na sua escuna.
É preciso pôr-se em guarda
Contra a tal Quinta Coluna.

Essa gente traiçoeira
Age na sombra da noite.
Mas infeliz do atrevido
Que nessa empresa se afoite:
Entra no arame farpado,
Se gritar muito, no açoite.

O Brasil não quer conversa
Com partidários do Eixo.
Foi por causa dessa gente
Que no mundo há remeleixo,
Que o nazismo impertinente
Só fala em murro no queixo.

Rompemos as relações
Com japonês e alemão.
Italiano também
Vem de carrinho de mão;
Amizade só existe
Com país que for irmão.

Ninguém quer mais ter negócio
Com quem é totalitário.
É ser quinta-colunista
Que pretender o contrário.
Quem infringir esta norma
É cabra muito ordinário.

O dever do brasileiro
É agora vigiar;
Ter cuidado de verdade
Com quem quiser se mostrar.
A decisão do Brasil
A gente tem que apoiar.

Nós estamos lado a lado
Das nações americanas.
Vamos mostrar quanto vale
Os que gostam de bananas
E vão agora enrascar
As tais potências tiranas.

O Brasil furou na venta
E não quer lero-lero.
Japonês ou alemão
Pra nós não diz quero-quero;
Não vêm soprar deste lado
Com sua boca de mero.

O nazismo aqui não forma,
Aqui não tem cotação.
O Brasil é democrata,
De sangue, de coração,
Não vai nessa cantoria
Que canta o povo alemão.

Não queremos essa coisa,
Essa doutrina nazista.
Isso foi coisa inventada
Por gente malabarista
Pra tapear meia dúzia,
Igual a fogo de vista.

Japonês foi traiçoeiro
Contra a América do Norte,
Mas na sua falsidade
O Japão não teve sorte.
Agora, é vivo, ele vai,
Sentir o frio da morte.

Japonês andou fingindo
Que era anjo de candura,
Mas de repente mostrou
Quanto tem a cara dura,
Agredindo de emboscada
Pensando que era bravura.

Essa gentinha irritou
A gente do Novo Mundo.
Esse golpe, francamente,
Foi na verdade profundo,
Mas foi golpe que envergonha
Até mesmo um vagabundo.

O Brasil logo falou
Pela voz do presidente.
Essa ação do japonês
Foi ação muito inclemente.
Quem quiser diga o contrário,
Que fica logo é sem dente.

As nações americanas
Fizeram coligação.
Houve a grande conferência
Para maior união
E mostrar que nós aqui
Não temos medo do cão!

Vamos agora ficar
Numa firme posição.
Vamos pôr a vista em cima
Do tal nazismo alemão;
Vamos pegar japonês
Que se mostrar espião.

Contra as três nações do Eixo
Nós vamos força fazer.
Não queremos transações
Com quem só quer nos morder,
Com quem vive eternamente
A discórdia a promover.

Quem não gostar da verdade
Que bem longe se reúna.
Quem achar ruim a coisa
Na certa é “quinta-coluna”,
Merece arame farpado
Num campo lá da Pavuna.
Quem torcer por alemão

Só pode ser traidor,
Se torcer por japonês
Por nós nega o seu amor,
Se pela Itália torcer
Rebenta como um tumor.

Nesta guerra pavorosa
A Alemanha se desgraça.
Na mão do russo valente
O tal Hitler se esbagaça,
Enquanto o povo inglês
Lhe criva bem a carcaça.

Vai a América do Norte
Também lhe dar um sopapo;
Nós vamos do nosso lado
Meter-lhe um tiro no papo,
Deixar “seu” Hitler cair
Como cai um jenipapo.

Mussolini vai ficar
É vendo o mundo da lua.
Japonês há de rodar
Direitinho uma perua,
Correndo de ventarola
Doido no mundo da lua.

Queremos ver brevemente
O tal nazismo por terra.
Alemanha hoje resiste
E pelo rádio inda berra,
Mas pode arrumar a trouxa,
Que na certa perde a guerra.

Vive agora o Novo Mundo
Unido numa corrente.
Vamos mostrar nossa força
Deste lado do ocidente
E mandar muito reforço
Para o lado do oriente.

Japonês é traiçoeiro
Mas agora come fogo;
Alemão é convencido
Mas na certa perde o jogo;
Italiano, coitado,
Vai chamar Chico a Diogo.

E no meio dessa luta
A França livre aparece;
Na figura de De Gaulle
cada vez mais se engrandece;
o francês livre na guerra
Nem um momento esmorece.

O polonês destemido
Também terá seu pedaço.
Quando chegar o momento
Nazista vira bagaço
A casa do tal de Hitler
Há de ficar num chumaço.

Lá da África do Norte
Alemão já foi varrido;
Atrás dele italiano
Há muito que foi corrido;
Até lá na Abissínia
Já foi tudo resolvido.
Mussolini agora vê

Uma derrota de sobra.
Isso foi muito bem feito,
O final de sua obra,
Mas ele berra, esperneia,
Fica mesmo que uma cobra.

Quando chegar o momento
De se atacar o Japão,
Esse país vai sentir
O peso da aviação,
Vai chover bomba a valer,
Vai ser pior que um vulcão.

O hemisfério ocidental
Está dentro do barulho.
Isto é sinal que o nazismo
Agora vai de embrulho,
Vai esticar o cambito,
Ficar debaixo do entulho.

O chinês vai dando conta
Direitinho do recado.
Chinês pega japonês
E deixa bem machucado,
Quando o bruto mete a cara
Sai é todo arrebetado.

A China agora mostrou
Que tem é sangue na veia
Japonês quando se tem
Se esborracha na areia.
O china pega o moleque,
Sujiga e mete-lhe a peia.
O chinês agora mostra

Que não tem mais lero-lero.
Para o chinês japonês
Já não vale mais um zero,
Japonês faz a traição
Mas se finge de sincero.

Vamos abrir bem o olho
Contra qualquer espião.
Essa gente perigosa
Quando fere é à traição;
Podendo faz sabotagem
Prejudicando a nação.

Brasileiro tem cuidado,
Sê um firme sentinela.
Defende o nosso Brasil
Contra a perfídia amarela.
Não te fies na conversa
Que te jogam por tabela.

Quando vires o manhoso
Tentando se aproximar
Fica logo prevenido,
Que ele pode te sondar
Para saber qualquer coisa
Que lhe possa aproveitar.

Não dá nunca confiança
Seja lá para quem for.
Só confia no aliado
Que como tu tem ardor,
Que luta por nossa causa
Porque lhe sabe o valor.

É preciso que tu saibas
Que tomamos posição;
Que descendemos também
Duma impávida nação,
Duma pátria sobranceira,
Valente como um leão.

Brasileiro é de verdade
E não nasceu para o relho.
No Brasil nação alguma
Vem meter o seu bedelho,
Se tentar meter a cara,
A gente quebra o aparelho.

Quando damos a palavra
Não voltamos mais atrás.
Demos agora de fato,
Pois assim é que se faz.
Quando a formiga se assanha,
Bota-se em cima aguarrás.

A saúva nesse caso
É o tal soldado alemão.
Mas agora à nossa custa
Ele não come mais pão,
Não mandamos para os tais
Mais um tico de ração.

Deste lado do hemisfério
A porta ficou fechada.
Rompemos as relações,
Conosco não tem mais nada;
O Eixo agora vai ver
A coisa muito encrencada.

Na conferência que houve
Lá no Rio de Janeiro,
O ministro Osvaldo Aranha
Foi quem mostrou primeiro,
Mostrou que nosso país
No que diz é verdadeiro.

Entre todas as nações
O Brasil não vacilou.
Sua firmeza constante
Com orgulho demonstrou,
A América do Norte
Decidido acompanhou.

Uma nação nossa irmã
Não pode ficar sozinha.
Vamos lutar a favor
Dessa irmã nossa vizinha,
Que foi ferida nas costas
De maneira tão mesquinha.

Como fizeram com ela
Podia ser com o Brasil.
Por isso nós não devemos
Abandonar o fuzil,
Mostrando, em cima da bucha,
Disposição varonil.

Ninguém aqui deste lado
Tem medo de japonês;
Ninguém teme atrevimento
De quem só luta de três;
Basta só um brasileiro
Pra dar conta de vocês.

Alemão por mais comprido
Também não causa impressão.
Acabou-se a valentia
Depois que veio o canhão;
Basta uma bala certa
Pra pôr o bicho no chão.

Italiano também
Não faz ninguém se inquietar.
Basta uma boa investida
Para o rapaz disparar
E nunca mais neste mundo
Nem um trem o encontrar.

Guerra relâmpago agora
Nunca mais que mete medo.
Já foi desmoralizada,
Não constitui mais segredo.
A Rússia tirou-lhe a fama,
Na verdade muito cedo.

Quem não gostar deste livro
Não nos merece atenção.
É torcedor de nazista
É simpático ao Japão.
E quem torce pelo Eixo
Não pode ser bom cristão.

Conter o hitlerismo
É combater a maldade;
É lutar pela defesa
Do bem, da luz, da verdade;
É saber sair a campo
Pelo amor da liberdade.

Morra, pois, a tirania,
Morra a negra escravidão!
Viva o mundo sempre livre,
Na mais perfeita união!
Morra o totalitarismo
Que só prega a servidão!